

uma lavoura durante todo o seu ciclo, cumpria utilizar isoladamente dois ou mais desses produtos, para que cada um atuasse, especificamente, contra determinada praga. Muitos insucessos nos tratamentos decorreram da escolha inadequada dos venenos e muita descrença persistia em consequência dos mesmos. . .

O ESPLENDOR DO DDT

Foi durante a guerra que surgiram as primeiras notícias em torno de uma droga maravilhosa. Salvava a população de Nápoles de uma epidemia de tifo — com ela foram polvilhados todos os habitantes, para eliminar os piolhos, transmissores da moléstia; ouviu-se falar, então, pela primeira vez no DDT. O inseticida maravilhoso adquiria, dia a dia, novos prestígios — era empregado em larga escala para liquidar os mosquitos transmissores da malária nas zonas tropicais de operações guerreiras; aparecia como o produto que maior segurança oferecia no combate às pragas da batatinha, em vários países da Europa; anunciavam-se experiências sobre seu uso no combate à mosca da «doença do sono»; recorria-se a ele para o preparo de inseticidas domésticos, permanecendo a sua ação protetora contra pulgas, baratas e outros insetos, por muitos dias. Chegou-se mesmo a admitir que com o DDT estaria, de vez, resolvido o problema de eliminação de todos os inimigos caseiros e da agricultura, chegando-se mesmo a anunciar que agora a gente ia ficar livre dos insetos.

Mas dentro em pouco, as experiências fizeram reduzir muito esse entusiasmo inicial — o DDT não era uma panacéia e não resolvia tudo. A sua descoberta, no entanto, despertou interesse dos químicos pela possibilidade de obtenção de outros inseticidas, surgindo, pouco depois, o BHC, a que se seguiram os tiofosfatos, canfeno clorado, clordane, aldrin, dieldrin e uma série enorme de outros, cuja lista vem cada dia sendo aumentada. Com isso, foram, aos poucos, cobertas as deficiências do DDT. Surgiram as misturas de dois ou mais inseticidas — reforçando um o que faltava a outro enquanto caíam em abandono quase completo os antigos venenos.

O GAFANHOTO IMPORTOU O BHC

Para nós, a história dos novos inseticidas começou por ocasião da última invasão de gafanhotos, migratórios, quando eles foram usados aqui pela primeira vez. Todos se lembram das nuvens de gafanhotos, cujo avanço era acompanhado no mapa, como antes se fazia para estar em dia com a guerra. O pessoal e material disponíveis para enfrentar a praga foram mobilizados, mas eram rudimentares os recursos de então: fazer iscas com arseniotos, verde Paris e com outros produtos era coisa demorada, implicando ainda em transporte e distribuição no campo, sem que fosse possível acompanhar o mesmo ritmo de progressão da praga.

Já se tinha, a essa altura, algumas informações sobre o BHC, inseticida ainda novo, mas que já fora usado no Egito, contra gafanhotos aparentados com os sulamericanos. A custo, conseguiu-se importar da Inglaterra algumas toneladas, revelando-se decisivo quanto à sua eficácia, quando a luta se encontrava em sua última fase. Essa utilização, no entanto, teve mérito muito maior — com as pequenas quantidades então obtidas, foram iniciadas as primeiras experiências de laboratório, visando seu aproveitamento contra outras pragas.

CONSAGRANDO O INSETICIDA

Mas o BHC teve de sair dos canteiros de experiências para o campo da aplicação em larga escala, muito mais depressa do que se previa. Aconteceu, logo depois, que a broca do café — cujo prestígio andara um tanto abalado, por ter se reduzido — recrudescceu de maneira impressionante. Os processos tradicionais de seu combate — repasse e catação profilática — não podiam mais atender à extensão e ao volume dos prejuízos. Foi ensaiado o tratamento químico com vários produtos então já conhecidos, destacando-se em meio a eles o BHC. Os resultados foram verdadeiramente revolucionários e de uma vez só foram feitas três grandes conquistas no campo do combate a essa praga — abandonou-se o clássico sistema do repasse, substituindo-o pelo combate químico; introduziu-se o polvilhamento das lavouras,

prática quase desconhecida entre nós, que nos habituáramos às pulverizações; e, dada a necessidade de cobrir grandes áreas infestadas pela praga, recorreu-se ao avião e ao helicóptero para espalhar o veneno sobre as lavouras.

Mais de 150 milhões de cafeeiros foram repetidamente polvilhados nos dois ou três anos que se seguiram àquele do ressurgimento da broca e os resultados maravilhosos desse trabalho ainda persistem: a praga hoje não provoca mais alarme, porquanto os lavradores a mantêm em permanente cheque, com os tratamentos nas épocas certas. Porisso também foi que, nos dois últimos anos, quando as condições adversas do clima favoreceram o desenvolvimento excepcional de outra praga dessa cultura — o «bicho mineiro» — bastou que se comprovasse a eficácia do mesmo BHC contra ela, para que sua utilização se generalizasse, passando a constituir apenas uma rotina a aplicação de mais um ou dois tratamentos da lavoura.

SOLUCIONADO O DECLÍNIO ALGODOEIRO

Mas foi indiscutivelmente na lavoura algodoeira que os novos inseticidas representaram um papel decisivo na economia agrícola paulista. Depois de atingir às magníficas produções de 400 mil arrobas de pluma, no ano de 1944, os rendimentos por área caíram assustadoramente, reduzindo-se, quatro anos depois, à metade. No princípio, o prejuízo desorientou os agricultores, que buscavam explicações variadas sobre as causas do fenômeno — desgaste da terra, adversidade do clima, qualidade das sementes etc. — esperando sempre que o ano seguinte viesse confirmar tais suposições. Tal, porém não aconteceu, e no emaranhado de hipóteses em que se perdiam, verifiquei que uma praga nova, batizada com o nome de «percevejo rajado» derrubava a carga dos algodoeiros, era a responsável pelo baixo rendimento das lavouras e que podia ser controlada com os inseticidas modernos.



Polvilhadeira motorizada tratando um cafezal